

# Guerreiro Ramos e *O Drama de ser Dois*<sup>1</sup>

Ariston Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil  
*E-mail:* [ariston.azevedo@ufrgs.br](mailto:ariston.azevedo@ufrgs.br)

Renata Ovenhausen Albernaz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil  
*E-mail:* [renata.ovenhausen@ufrgs.br](mailto:renata.ovenhausen@ufrgs.br)

## Resumo

O artigo propõe uma crítica sobre a forma como a ideia de simetria tem sido acionada pela produção em antropologia da ciência brasileira. Seus vínculos promovem associações à terminologia da ANT que representam poucos esforços efetivos de implementação do projeto proposto por Bruno Latour (1994). A partir dessa análise, são sugeridas bases para um protocolo de estudos antropológicos sobre as ciências que considerem a especificidade do estatuto da (não) modernidade no Brasil.

**Palavras-chave:** Simetria. Teoria Ator-Rede. Lendas. Ciência.

## Abstract

*This paper proposes a critique of how the idea of symmetry has been driven by the Brazilian production on anthropology of science. Its links promote associations with the ANT terminology, which represents few effective efforts to implement the project proposed by Bruno Latour (1994). From this analysis, bases are suggested for a protocol of anthropological studies of sciences that take into account the specific status of the (non-) modernity in Brazil.*

**Keywords:** *Simetry. Actor-Network Theory. Legends. Science.*

## I Introdução

Neste ano [2015], em que se comemora o centenário de nascimento do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, gostaríamos de lhe render homenagem trazendo a público sua vertente poética. Faremos isso regressando a 1937, ano em que, aos seus 22 anos de idade, ele publicou seu primeiro e único livro de poesias, intitulado *O drama de ser dois*. Há raríssimos exemplares disponíveis e acessíveis ao grande público e somente aqueles que possuem maior conhecimento de sua trajetória intelectual sabem de sua existência e tiveram a oportunidade de lê-lo. Na verdade, essa sua incursão pela poesia e crítica literária tem sido pouquíssimo analisada, embora seja fundamental para esclarecer suas próprias posições teóricas e práticas como grande sociólogo que foi.

Gerardo Mourão, João Eurico Matta e o próprio Raul Antelo, que deste número da *Revista Ilha* participa, figuram entre esses raríssimos analistas do pensamento do sociólogo baiano que consideraram seus escritos poéticos e crítico-literários<sup>2</sup>. Raul Antelo escreveu no contexto de confecção de sua tese de doutoramento, findada em 1981; Gerardo Mourão e Eurico Matta, em 1982, ano em que Guerreiro Ramos faleceu, nos Estados Unidos, vítima de câncer, no dia 6 de abril. Embora Antelo não tenha se detido ao exame específico daquele pequeno livro de poesias, mas a poesias e a outros escritos que Guerreiro Ramos havia publicado entre o final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, nas revistas *A Ordem*, *Cadernos da Hora Presente* e *Cultura Política* sua percepção é acertada: tomando por base um “conceito transcendente de poesia”, já que para o jovem escritor baiano o poeta é um anjo, seu “[...] sentido da poesia é sempre o de uma *falta* [do paraíso perdido] que produz angústia, inquietude, nostalgia” (Antelo, 1984, p. 24).

Posteriormente, ao regressar às poesias de Guerreiro Ramos fora do contexto de sua tese doutoral, Antelo complementa aquela primeira análise quando afirma que o jovem poeta baiano estava acometido de um “profundo desengano” e “dilaceramento”, porque sentia o triunfo social do indivíduo sobre a pessoa humana, em outras palavras, sentia que o homem moderno havia entrado em um estado de corrosão de sua personalidade ao abandonar a dimensão espiritual que lhe é própria (Antelo, 2015, p. 4). Aliás, vale frisar que contra essa investida feroz do indivíduo sobre a pessoa humana, o que, no fundo, implicava na supressão do transcendente pelo imanente, Guerreiro Ramos ergueu sua resistência e sua revolta, cujos principais reflexos podem ser encontrados até mesmo em seu último livro escrito em vida, *The new Science of organizations*, de 1981, publicado simultaneamente em inglês e português.

Gerardo Mourão, que foi amigo pessoal de Guerreiro Ramos, considerava *O drama de ser dois* um texto “estranhamente situado entre Rilke e Maiakowski” e representante fiel da existência emblemática de seu autor, pois revelava um estado de ser que lhe era tão próprio e de tal modo persistente, que mesmo sua obra sociológica posterior parece ter sido desenvolvida como uma “glosa desse mote poético original” (Mourão, 1983, p. 161). Nessa mesma linha interpretativa segue Eurico Matta quando diz que naquele pequeno livro podem ser encontradas algumas características que também estão presentes nos demais textos guerreirianos. Uma delas é a dialeticidade, espécie de tensão existencial resultante da percepção e vivência de sentimentos opostos e interafetados que desagua na narração poética de uma forma de vida dramática (Matta, 1983). Esse, sem sombra de dúvidas, nos parece ser o ponto fulcral: o livro de 1937 é uma confissão, em forma poética, da trágica peregrinação íntima do jovem escritor para descobrir, em si, a presença divina. Nele está expressa a existência de um sujeito que se percebe e sente dramática e dialeticamente tensionado por fortes sentimentos contraditórios, frutos da experimentação intensa das possibilidades de sua humanidade, e que, de modo sintético, pode ser vislumbrada por intermédio do sentimento dual de pertencer, a um só tempo, ao Reino de Deus e ao Reino de César, ao que lhe é transcendente e ao que lhe é imanente.

Sentir essas dualidades lhe provocava intensas tensões, que foram narradas em poesias de profunda tonalidade religiosa e metafísica. Fundamental para a expressão de seu desconforto com o mundo secular foi a figura de Nicolas Berdyaev (ou Berdiaeff), filósofo e teólogo russo que se dedicou às temáticas da liberdade e do ato criador, entre outras, e cujo pensamento possui um caráter marcadamente existencial e personalista, erigido a partir da crença de que há uma união misteriosa entre Deus e Homem, que tem na figura de Cristo a sua maior manifestação<sup>3</sup>. A ele *O drama de ser dois* foi dedicado, com a seguinte epígrafe: “[...] a Nicolas Berdiaeff, através de cujas obras eu cheguei ao Cristo e a todos os homens que se procuram.” A propósito, a influência de Berdyaev em Guerreiro Ramos é digna de nota. Em 1981, o próprio sociólogo, durante entrevista concedida ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), externou o fato ao afirmar que de todos os autores com os quais ele mantinha afinidades intelectuais no final dos anos 30 e início dos anos de 1940, somente a figura de Nicolas Berdyaev, o filósofo da existência, permaneceu. Em suas próprias palavras: ele foi “[...] uma grande influência [...], uma influência irrestrita. [...] eu encontrei aquele homem numa idade imatura, e ele me educou; fico cada vez mais encantado, nunca cessou.” (Guerreiro Ramos, 1985, p. 18).

Sabemos que uma cópia *d'O drama de ser dois* chegou às mãos de Nicolas Berdyaev via Jacques Maritain, com quem Guerreiro Ramos teve um encontro rápido, em Salvador, no final de 1936. Posteriormente, o filósofo russo lhe remeteu uma carta, onde agradecia pelo envio do livro e também lhe pedia sinceras desculpas pela falta de domínio da língua portuguesa. No mesmo envelope veio uma foto autografada, como demonstração de seu apreço pelo jovem escritor baiano.

## **2 A Existência Poética entre o Imanente e o Transcendente**

Como se estivesse atendendo aos conselhos de Rainer Maria Rilke em *Cartas a um jovem poeta* (2001), os poemas que compõem *O drama de ser dois* denunciam que Guerreiro Ramos havia abandonado os motivos gerais e fúteis para se voltar ao interior de sua própria existência cotidiana, para perscrutar as profundidades de onde brota

a vida e incorporar, assim, o que mais tarde apareceria verbalizado em um texto seu: a poesia radica suas raízes nos “confins do homem”, e é exatamente até lá que o verdadeiro poeta tem que ir, caso queira manter-se fiel a si mesmo; caso queira, de fato, marcar com a sua personalidade os versos que escreve (Guerreiro Ramos, 1939a, p. 89). Em consonância com este ordenamento de inspiração rilkeana, Guerreiro Ramos defendia a opinião de que os verdadeiros poetas o são porque “[...] escrevem por uma fidelidade a si mesmos”; o são porque, ao escreverem, realizam-se; o são porque, ao poetizarem, “libertam-se de uma experiência” (Guerreiro Ramos, 1939a, p. 96-97). Em uma sentença: os versos são experiências que resultam das andanças pessoais que o poeta faz dentro de si (Guerreiro Ramos, 1939a, p. 96-97).

Em *O drama de ser dois*, é a concretização dessa ideia que se percebe. O livro é composto pelos seguintes poemas: *O Canto da rebeldia*, *Lamentações*, *O canto da alegria triste*, *O canto da noite*, *Poema da criação que não pode ser*, *A luta contra o anjo*, *A voz dos cabarets*, *Nostalgia angelica*, *Menino macambúzio*, *Poema das seis horas da tarde*, *Nostalgia da esperada* e *O poeta e o mundo*<sup>4</sup>. Ali estão expressas as principais questões existenciais e sentimentais vivenciadas pelo autor à época, tais como: rejeição ao mundo moderno e ateu; constrangimentos e incompreensões sociais devido à sua crença em Deus; a solidão; o sofrimento; o sentimento de ser dois; a luta em seu íntimo travada entre o bem e o mal, Deus e o diabo; a procura em si por um eu original, não socializado, único e inconfundível, feito à imagem e semelhança de Deus – esse eu que seria um autêntico Cristo; a experimentação da tristeza do mundo; o amor e o verdadeiro encontro com o outro; e, ainda, o poeta, a poesia e o sentido da vida.

Se do ponto de vista poético a presença de Rilke possuía grande valor para Guerreiro Ramos, o fato, como já destacado, é que o livro espelha a filosofia trágica berdyaevia e todos os contornos que perpassam sua noção de personalidade ou pessoa humana. A narração e os enredos empregados ali deixam transparecer a dor, o sofrimento, a solidão, o amor, o mal, a liberdade, o encontro com Deus, entre outros elementos que caracterizam a sua trajetória existencial, como um peregrino espiritual no seio do Absoluto e da divindade. Segundo pensava o nosso poeta, seria somente por essa via, quer dizer, pela

espiritualização – e essa é a mensagem de Berdyaev que tão grandemente soube captar esse baiano de Santo Amaro da Purificação – que o homem conseguiria realizar-se enquanto personalidade.

Quando de seu lançamento, *O drama de ser dois* obteve boa avaliação por parte de alguns críticos, a ponto mesmo de Guerreiro Ramos estampar na parte final de seu segundo livro publicado, *Introdução à cultura* (1939b), trechos das críticas literárias que considerou mais representativas do significado real de seus poemas. No geral, os críticos teceram grandes elogios ao livro e ao autor, sendo que alguns deles, inclusive, assinalaram que o jovem poeta Guerreiro Ramos estaria predestinado a figurar no panteão literário brasileiro. Como sabemos, tal fato não ocorreu, pois, aproximadamente dez anos depois da publicação desse primeiro livro, Guerreiro Ramos já não mais perseguia seu ideal de tornar-se um poeta reconhecido. Não sabemos ao certo o motivo ou os motivos que o levaram a desistir. Gerardo Mourão, por exemplo, quando indagado sobre o que teria levado Guerreiro Ramos a desistir da aspiração de ser poeta, afirmou que, certo dia, quando conversavam no *Café Gaúcho*<sup>5</sup>, o então recém-formado em ciências sociais lhe disse: “esse negócio de viver de poesia não leva a nada [...] vou botar o pé no chão [...]” (Mourão, 2004). Pizza Júnior, que foi seu ex-aluno e assistente na Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ) durante os anos de 1963 a 1965, sugere um motivo para o fato. Segundo ele, Guerreiro Ramos migrou para as ciências sociais em razão do fato de não ter conseguido alcançar a forma poética que almejava (Pizza Jr., 2004). Supõe Pizza Júnior, então, que, devido a esta decepção, ele teria percebido, corretamente, em sua opinião, que, em matéria de poesia, “seria mais um”. Mas apesar de ter desistido de seguir a carreira de poeta, o nosso autor considerava-se, a seu modo, “poeta”, tal como depreendemos do teor de uma carta enviada a um amigo e ex-aluno, no final dos anos de 1960, quando então já estava exilado nos Estados Unidos:

[...] eu também tenho sido poeta, e não tenho sido outra coisa na vida. Sou um incorrigível poeta, em todos os sentidos da palavra, inclusive no sentido vulgar, isto é, o cara que não dá bola para a sensatez, para as razões de Sancho Pança. Sou um Quixote, e Deus me guarde

assim. Apaixonou-me facilmente e levo as minhas paixões ocasionais e permanentes às últimas conseqüências, notadamente a minha grande paixão pela vida. (Leite, 1983, p. 111)

Ainda que tenha desistido de ser poeta, vejamos aqui algumas das passagens elogiosas que seu livro de poesias recebeu à época de sua publicação: “Guerreiro Ramos [...] dever ser apontado como um dos grandes poetas do Brasil”, publicou o jornal carioca *O Povo*, em sua edição de 09/12/1937; “O Sr. Guerreiro Ramos é um nome a guardar nesse movimento regenerador e forte de nossa poesia”, escreveu Oscar Mendes em sua coluna no jornal mineiro *O Diário*; “Não temos dúvida em saudar, no Sr. Guerreiro, um novo e incontestável valor entre os jovens cristãos que se afirmam”, publicou um periódico de Recife.

No contexto desses comentários críticos, dignas de nota são as análises que fizeram Tasso da Silveira e Nicanor Carvalho. Ambos perceberam os principais estados sentimentais que os poemas guerreirianos traziam à tona. Arriscamo-nos, inclusive, a dizer que eles chegaram a capturar a essência mesma do drama existencial do autor. Tecendo comentários sobre o livro, Tasso da Silveira observou que nele encontravam-se “poemas de sentido religioso”, originados da vivência de “uma profunda crise de alma”, de uma “tremenda luta íntima” para chegar a Deus (Silveira, 1938). Para Silveira, Guerreiro Ramos era da estirpe dos libertários. Embora partisse do “tédio”, de um sentimento de infinita insignificação da vida, de uma crise existencial, nem de longe guardava semelhança com os “entediados”, que “trazem um vazio absoluto no espírito” (Silveira, 1938).

Seria essa “crise de alma” um momento pessoal exclusivo de Guerreiro Ramos? Na visão de Nicanor de Carvalho, não. O que fez Guerreiro Ramos, na opinião do comentarista, foi capturar a “imensa tragédia interior” que estava a acometer a geração de moços brasileiros que vinha surgindo (Carvalho, 1938). Tratava-se de uma “tragédia obscura”, quase imperceptível para a maioria das pessoas, “não obstante a sua expressão rigorosamente humana”, mas que Guerreiro Ramos, a experienciou de modo muito particular, capturou tal obscuridade trágica que rondava a sua geração, expressando-a de forma poética e pessoal (Carvalho, 1938). A propósito, na opinião de Carvalho, o

título do livro já seria uma expressão sintética e muito adequada daquele estado de inquietação trágica que os jovens contemporâneos de Guerreiro Ramos vivenciavam. Esses jovens representavam um característico tipo de indivíduo, marcadamente um ser torturado pela angústia de viver entre extremos, pois “solicitado impiedosamente pelas cousas terrenas e tendo a voz de Deus no interior da consciência, o indivíduo se sente bipartido, com uma espécie de dupla personalidade, passando a ser verdadeiramente dois homens, a ponto de se realizar entre ambos um torneio dialético em que não faltam os argumentos destinados a conhecer a parte adversa” (Carvalho, 1938). Quem quer que estivesse exposto à vivência dessa dualidade, experimentava uma imensa dúvida, “em que as duas noções se confundem como uma região fronteira não demarcada, de sorte que a consciência hesita e experimenta as mais contraditórias impressões”, pois que se depara com dúvidas terríveis, frente à explosão de “escrúpulos inquietantes” (Carvalho, 1938).

É preciso que se diga, uma vez mais, que *O drama de ser dois* representa o relato do processo de personalização de Guerreiro Ramos, no sentido em que nele notamos a confissão poética da perambulação do autor por suas profundezas, onde encontrou a si mesmo e experienciou a presença da pessoa de Deus. Dessa andança por dentro, um novo homem nasceu dentro dele, e o anúncio desse nascimento se fez no poema que abre o livro, *O canto da rebeldia*, onde fica patente o festejo pelo vislumbre de uma nova vida e de um novo homem, revelados após a sua identificação com a ordem divina. Nessa sua festividade percebemos o quanto é forte o ecoar das palavras de Berdyaev, principalmente quando este afirma que “Cristo está no fim, na profundidade do homem” (Berdiaeff, 1944, p. 37), de modo que é somente pela exploração do mistério de suas próprias profundezas que o homem consegue atingir a Deus; que encontra sentido para a sua vida e renasce, readquirindo a crença em si mesmo.

No entanto, antes mesmo que esse renascimento ganhasse a sua expressão poética em *O drama de ser dois*, a sua notícia veio a público no texto *Minha vida começou hontem*, publicado em um jornal local de Salvador (Guerreiro Ramos, 1936b). Tendo como pano de fundo o livro *Ma vie commencé hier*, de Stephen Foot, naquele texto o jovem poeta

expressou seu novo nascimento, sua conversão a Deus, a conquista da liberdade, a vitória sobre o egoísmo e a objetivação, sobre suas oposições, medos e solidão, tudo isso depois de uma torturante experiência pessoal ensejada pelo estado de inquietude que o acometia:

Minha vida – e este é o cântico do “homem novo” – começou hontem porque hontem a vida começou a ter para mim uma significação mais profunda, porque hontem Deus a illuminou com a luz da graça, revelando-me a sua presença em minha alma. Minha vida começou hontem porque hontem eu achei “uma nova liberdade, uma nova Victoria, uma nova alegria, um novo poder, uma nova paz, porque hontem Deus tornou todas as cousas novas para mim”, porque hontem eu comecei a aprender a esquecer-me a mim mesmo, a amar os meus inimigos, porque só hontem eu me abandonei inteiramente a Deus, porque hontem eu vi que era uma creatura pedante e mesquinha, porque só hontem eu conheci a minha miséria. Minha vida começou hontem e a de todos os homens podem começar hoje mesmo, agora assim queira cada homem “escutar”. (Guerreiro Ramos, 1936b)

No poema *O canto de rebeldia* é essa mesma notícia que notamos: um novo homem nasceu e pleiteia a “plenitude da vida, que é a vida em Deus”. Para nascer foi necessário quebrar “os grilhões” que o estavam escravizando a uma vida social ordinária e medíocre, ou, para usarmos os termos berdyaevianos, a uma vida objetivada e sem sentido: sem a ruptura com tudo aquilo que escraviza, o alcance da originalidade, da condição de homem livre, de uma consciência livre, tudo isso seria impossível. Essa era a mesma opinião de Berdyaev (1946), para quem a libertação da escravidão seria um passo fundamental, condição *sine qua non* para que homens e mulheres pudessem encontrar suas respectivas originalidades, o eu primário, a fim de conquistar a liberdade e, deste modo, chegar a Deus. Era exatamente isso que Guerreiro Ramos tanto almejava, conforme podemos notar no poema *A luta contra o anjo*:

*Eu não sou verdadeiro.  
No fim de todos os meus atos  
Vou encontrar a expressão  
De um outro eu*

*Que não sou eu mesmo.  
Eu sem o que li,  
Sem o que aprendi,  
Sem o que herdei dos meus pais,  
Suprapersonal,  
Supraterreno,  
Esse eu, original,  
Único,  
Inconfundível,  
Que é a **imagem** de Deus, em mim,  
.....  
Esse eu que me faz sentir-me  
Um Cristo autêntico,  
Eu quero achá-lo,  
Quero vivê-lo.  
Oh! Impossibilidade de ser um **alguém!**  
Oh! Impossibilidade de viver o Cristo! (grifos no original)  
.....*

Apresentando-se como um novo homem, Guerreiro Ramos admite que sente pulsar em si diversas contradições. Latentes nele encontravam-se os sentimentos de rebeldia e o de docilidade (*O canto da rebeldia*); com a necessidade aguda de solidão para poder acessar em si o eu original convivia o desejo angustiante de encontrar uma mulher para que com ela pudesse ser um “nós” indissolúvel e solidário (*Nostalgia da esperada*); em suas profundezas sentia o duelo que entre si travavam o céu e o inferno, Deus e Demônio, o bem e o mal (*O canto da alegria triste*); enquanto a noite lhe fazia sentir fortemente a presença de Deus, o dia o faz trabalhar contra Deus, ser extremamente egoísta (*O canto da noite*). Essas são algumas das contradições que Guerreiro Ramos utilizou para poder definir o seu drama pessoal de ser dois.

A rebeldia e a revolta eram as formas de conduta desse novo homem, no mundo. Assim, segundo o nosso jovem poeta, somente um comportamento revolucionário poderia combater e negar a permanência e a viabilidade de um “mundo desumano e ateu” como aquele em que vivia e que por diversas vezes condenou em seus poemas. De

igual modo, apenas um homem rebelde recusaria os quadros psicológicos e sociais que estavam a forjar, nos homens e nas mulheres, a submissão, o servilismo e a obediência como um modo de ser. Era exatamente contra essa postura passiva que sua rebeldia se colocava. Nesse sentido, o seu canto poético era uma clara atitude de afirmação da insubmissão da sua personalidade: “Deus me tornou insubmisso” a todas as investidas imperiais que o mundo moderno, mundo “decaído”, deflagrava sobre ele. Somente aqueles que atestaram, dentro de si, a presença de Deus, que sentiram, em suas profundezas, “as reservas do eterno”, somente esses podiam assumir, de acordo com o nosso poeta, uma atitude de rebeldia, uma “revolta espiritual” para com o mundo e para com os homens, mas de docilidade, para com Deus. Ser rebelde implicava, portanto, em “sentir, a toda hora e a todo o momento, a presença viva de Deus”; significava “ser perseguido pelo tormento de Deus”, ou como diria Berdyaev, ser perseguido pelo Seu chamado (Berdyaev, 1960, p. 53).

Essa presença viva e insistente de Deus tornava a vida ainda mais trágica, conforme o jovem poeta afirma em outro poema de 1937. Os homens perseguidos por Deus, diz, são “sofredores de uma tragédia cruciante”: por um lado, eles amam o “mundo do pecado”, que a todos solicita e oferece “alívios” em “sua alegria embriagadora”; por outro, para atenderem ao chamado de Deus, têm eles que renunciar a este “mundo tão sedutor” (Guerreiro Ramos, 1937b). Assim, em tons de confissão, sacramenta:

O mundo é o peccado. **Eu aprendi a amar o peccado** – diz o homem perseguido por Deus. Mas Deus me chama e eu começo a detestar este mundo. Sinto o peso da minha miséria apegando-me ao mundo. Mas Deus nasceu para mim e cada vez mais me vence.

Sinto que vae nascer um novo dia. Cada vez mais resisto menos.

Deus me persegue...

Tenho medo de Deus...

Porque o mundo ainda me seduz [...] (Guerreiro Ramos, 1937b, grifos nossos)

Dessa tragédia derivava a contradição mesma de sua rebeldia. Sem se esquecer de que o Homem tem suas origens, a um só tempo, em Deus e no *Ungrund*<sup>6</sup>, Guerreiro Ramos também se insurgia contra Deus, deixando transparecer a eterna tragédia existencial a que todo humano estaria condenado a viver. Para Berdyaev (1960, p. 26), a rebelião contra Deus representaria “o retorno ao não-ser”, a “vitória”, no Homem, “do não-ser sobre a luz divina”. Em *Lamentações*, segundo poema de seu livro, o poeta sinaliza sua fraqueza, quando se declara revoltado contra Deus:

*Eu tenho vergonha de crer.  
Tenho o zelo do que os meus amigos pensam de mim.  
Deus me tornou ridículo.*  
.....  
*Tua presença me incomoda.  
Tua presença me inquieta.*  
.....  
*Em torno a mim reina a incompreensão.  
E não te posso amar porque os homens não te amam.  
Os homens vivem sem ti.  
Não sentem a necessidade da tua graça.  
E, por isso, não te quero amar.  
Porque amo mais aos homens do que a ti.  
Os homens te expulsaram do coração.  
Tu não existes, neste mundo.*  
.....

Também em *Lamentações* encontramos a expressão de sentimentos outros, como desejo da entrega e do amor, dúvidas, conflitos, certezas, abandono, alegria e nostalgia. Esses sentimentos apontam para as profundas contradições, paradoxos e dualidades imanentes ao Homem, mas que estavam sendo sentidas de modo mais agudo em razão da solidão que nosso poeta experienciava. Em *Lamentações* ele confessa, em tom de súplica, a sua solidão: “estou só, meu Deus”. A solidão o fazia sentir-se um estrangeiro no mundo, um homem sem par, sem um tu, sem “o consolo da comunhão”, deixando claro o quão distante

estava de uma “existência autêntica”, para dizermos com Berdyaev (1938, p. 92). Além de só, dizia-se, como o fez no poema *Nostalgia Angélica*, um “anjo” na terra, “perdido”, “exilado”, ou na linguagem de Berdyaev (1960, p. 46), “[...] um ser terreno com lembranças do paraíso e reflexos da luz divina”. Vejamos o poema:

*Eu estou só,  
Sentindo-me inseguro.*  
.....  
*Eu sou um peregrino do Absoluto,  
Estrangeiro que passa  
No meio da balbúrdia da cidade.  
Minha pátria não é esta.  
Eu a deixei há muito tempo.  
Eu sinto a nostalgia de minha pátria.  
Eu tenho saudade de minha pátria.  
Minha pátria é o céu.  
Eu sou um anjo  
Perdido  
Exilado,*  
.....  
*O anjo que habita  
Que se exilou em mim,  
Tem saudades do Criador.  
Eu tenho a experiência viva  
De que sou anjo.  
E sofro a incompreensão.*  
.....  
*As vozes da cidade  
Me fazem sentir  
A nostalgia da pátria  
De onde eu rolei,  
Pecando...*

Há um outro poema que não integra o livro, mas que explora a mesma ideia de homem desterrado. Em *Exílio* (1936a), tanto quanto em *Nostalgia Angélica*, a descrição que o poeta faz de si guarda aquelas

observações feitas por Berdyaev (1960, p. 284) sobre o homem como um ser exilado e que carrega consigo lembranças de sua pátria natal, o paraíso. É exatamente assim que Guerreiro Ramos se apresenta quando fala da sua condição humana no mundo, de sua relação com os seus, com o mundo e com Deus. Assume-se na posição de poeta e, a partir dela, depõe sobre o seu estado e a sua sentimentalidade. A solidão é a sua companheira: entre os homens, diz ele, “estou só”; frente ao Eterno, também. Exilado dos homens e de Deus, detém consigo a recordação, a lembrança de “uma paisagem longínqua”, “paisagem da pátria inenarrável”, lembrança esta que não se faz presente nos seus próximos, pois que a perderam em suas ambulações “pelo pecado”.

Mas o anjo que sente em si, no entanto, a ele não se impõe de modo absoluto. Em *A luta contra o anjo*, o autor afirma que a sua faceta angélica não apenas lhe fornece o sentimento profundo de proximidade com o divino, mas também lhe provoca repugnância e ódio, pois obstaculiza o seu processo de autodeterminação e criação. Por isso é que ele “luta contra o anjo” que dentro de si “chora” com “saudades do Eterno”, atormentando-o no íntimo e provocando um desejo “titânico” de acabar, definitivamente, com o anjo que há dentro de si: “quero matá-lo, em mim, /.../ E fazer-me um super-homem.”

No poema *O canto da alegria triste* os sentimentos são expressos de modo intenso, e “o drama de ser dois” insurge de maneira mais explícita. O título, como podemos notar, já denuncia o dualismo sentimental guerreiriano. A “alegria triste” era resultante dilaceração que o acometia, das “contradições interiores” que se dizia vítima, da sua inadequação “aos quadros” do mundo; em suma, a sua alegria era triste porque constatava em si o drama originário da “enigmática e contraditória natureza do homem”, cujas raízes estariam fincadas, como disse Berdyaev (1960, p. 46), em Deus e nas profundezas do Absoluto. A tragédia humana, o drama de ser dois, de pertencer a dois mundos, como vimos, resultava exatamente dessa dupla origem humana. O sofrimento de nosso poeta agravava-se, sobremaneira, pelo fato de ele reconhecer em si essa dualidade originária do homem e o tormento que ela lhe provocava. Era esse fato que fazia a sua alegria triste, humilde, dolorosa, nostálgica, saudosa...

*A minha alegria é uma alegria triste,  
Uma alegria humilde,  
Uma alegria dolorosa,  
Uma alegria santa,  
Uma alegria nostálgica,  
É uma saudade longínqua  
De um céu  
Que eu entrevi  
Nos grotões de mim mesmo.  
A minha alegria é uma alegria inquietadora  
Que me traz sempre  
Sob o tormento de Deus.  
**A minha alegria é triste  
Porque me faz viver  
Entre a saudade do céu  
E a saudade do mundo.  
E eu vivo dilacerado  
Pelas contradições interiores  
De que sou vítima.**  
.....  
**E, dentro de mim,  
Se trava  
O duelo entre o céu e a terra,  
E sinto a nostalgia do céu,  
Quando estou na terra.  
E sinto a nostalgia da terra,  
Quando estou no céu.  
Mas eu sou um estranho.  
Eu estou sozinho. (grifos nossos)**  
.....*

Um homem desses, que pelos caminhos tortuosos da peregrinação pessoal sentiu o sopro divino originário, regressa para a vida cotidiana transformado, sedoso por comunhão, por amor e pelo compartilhamento de sua alegria. Tendo Deus o tornado um homem famélico de “sentido” de vida, “de um mais além”, ele acredita, ele sonha com a

possibilidade, senão de saciar-se no mundo comunitário, pelo menos de nele transbordar, compartilhando a sua alegria e amor. Vejamos o que diz Guerreiro Ramos em *Nostalgia da esperada*:

*Sonho*  
*Com a alma complementar*  
*Da minha.*  
*Sonho e espero.*  
.....  
*Procuro-te,*  
.....  
*Quando souber,*  
*E ver,*  
*E sentir*  
*Quem és,*  
*Terei compreendido*  
*O teu mistério,*  
*Vivendo-o,*  
*Sentindo-o.*  
*Então formaremos*  
*Esta síntese humana*  
*Que é um **NÓS***  
*Indissolúvel,*  
*Solidário,*  
*No qual*  
*Estaremos,*  
*Eu em ti,*  
*Tu em mim.*  
*Tão idênticos*  
*Haveremos de ser*  
*Que seremos*  
***UM** só.*  
*Então,*  
*Olharemos para o céu,*  
*Para todo o universo,*  
*E sentiremos*  
*E Unidade*

*Misteriosa  
De toda a Creação.  
E seremos  
Irmãos  
Das estrelas,  
Das pedras,  
De todos os seres,  
De todas as coisas,  
Porque formaremos  
**UM**  
Com o universo inteiro.  
E haverá paz  
Em nós.*

.....  
*E a nossa felicidade  
Será eterna,  
Inesgotável.*

.....  
*Até que **A MORTE**  
Nos devolva  
O Paraíso  
Que perdemos... (destaques no original)*

No entanto, percebe ele a decadência do mundo e dos homens, e com ela, de modo consequente, a impossibilidade da comunhão, elemento fundamental da personalidade, da pessoa humana. Desse modo, não conseguindo a sua total e plena realização em Deus – somente os Santos isso conseguem –, tampouco no mundo, vive a percorrer o seu eterno trajeto: dos grotões de si mesmo para o mundo, do mundo para suas profundezas.

.....  
E não consigo ser feliz  
Como os outros homens  
Porque Deus me persegue,  
Porque Deus me tornou faminto  
De um *sentido*,

De um *mais além*  
Que não encontro no mundo.  
Deus me fez provar a alegria dolorosa  
De lhe ser escravo,  
De lhe ser fiel.  
E sou infeliz  
Porque Deus não me deixa,  
Porque Deus empreendeu, contra min,  
Uma perseguição de todos os dias,  
De todos os momentos  
De minha vida.  
E a alegria que Deus me deu  
Não cabe em mim mesmo  
E transborda.  
E procuro amar,  
Por meio de um amor transfigurado,  
Santificado,  
Afim de repartir a minha alegria,  
E não encontro a quem dá-la,  
E não encontro  
Os famintos,  
Os sedentos  
Desta alegria.  
A alegria que embriaga o mundo  
É uma alegria sem Deus  
É uma alegria satânica,  
É uma alegria inteiramente dos homens.  
E eu sou um estranho  
Porque Deus me persegue. (destaques no original)  
.....

De modo sintético, podemos afirmar que o pequeno livro de poesias de Guerreiro Ramos significava para ele a narração de sua odisséia para escapar do mal que o atormentava. E, como escreveu o nosso jovem poeta em um outro artigo, para o homem, vencer o mal somente seria possível, caso ele saísse do seu anonimato e passasse a

se afirmar como pessoa, ou seja, como um “ALGUÉM com um DESTINO a cumprir” (Guerreiro Ramos, 1937b, grifos do autor). Desse modo, era imperativo ao homem dizer “NÃO” a todas as formas de subjugação e anulação que sobre ele o mundo tenta impor, e isso implicava em assumir a tragédia como a melhor maneira de lograr êxito em sua humanização:

Onde, então, buscar as energias para impedir a vitória do mal? Eu creio que só por um aprofundamento da noção de pessoa. [...] É necessário colocar a vida na ordem do trágico e do grave. O mal dos tempos modernos não é mais do que a dissolução do homem nas massas. A vida moderna exige do homem uma atividade artificial. O homem não pode estar sozinho. Porque o seu silêncio é invadido pelas vozes que o distraem de si mesmo. O homem não tem tempo para encontrar-se consigo mesmo. Ele é assim tiranizado pelo ON-DIT, pelo terrível e mediocrizante ON, pelo DIZEM. E se determina segundo as palavras de ordem deste ON anônimo, sem ter a coragem de comprometer-se, agindo responsabilmente. No mundo moderno, dada a vitória da quantidade sobre a qualidade, para que o homem viva como pessoa é preciso ser um forte, expor-se contra a onda apavorante do ON, é preciso ser anarquista, trazer a revolução no sangue, criar-se para si o seu próprio mundo, fazer o seu lar, os seus amigos e a si mesmo. (Guerreiro Ramos, 1937b grifos do autor)

### 3 A Releitura do Drama Poético

Essa definição de si mesmo como um homem que vivenciava sua existência de maneira dramaticamente tensionada entre dualidades foi feita por volta dos 22 anos de idade. Aos 67, pouco antes de sua morte, ele ainda admitia ser este um traço fundamental de sua pessoa. Pertencer a dois mundos significava, na verdade, não pertencer a nenhum deles, mas estar, sempre, **entre**. Em suas próprias palavras:

Ainda hoje eu acho que esse é um traço fundamental do meu perfil: eu não pertença a nada. Não pertença a instituições, não tenho fidelidades a coisas sociais; tudo

o que é social, para mim é instrumento. Eu não sou de nada, estou sempre à procura de alguma coisa que não é materializada em instituição, em linha de conduta. Ninguém pode confiar em mim em termos de socialidade, de institucionalidade, porque isso não é para mim; não são funções para mim. O meu negócio é outro. (Guerreiro Ramos, 1985, p. 4)

Sem abandonar de todo o sentido que a expressão “drama de ser dois” possuía como definição de sua personalidade, e já sendo considerado como um dos maiores sociólogos brasileiros, Guerreiro Ramos adotou a expressão inglesa *in-between*, tomada emprestada de Eric Voegelin, por quem nutria muita admiração, para explicar tal condição existencial. Voegelin recuperou a noção platônica de *metaxy* para poder afirmar que a existência humana contempla uma estrutura intermediária (*in-between structure*), na qual a consciência humana se desenvolve. As pessoas experienciam essa estrutura intermediária da existência como um campo de tensão entre polos contrários, tais como vida e morte, perfeição e imperfeição, tempo e eternidade, mortalidade e imortalidade, etc. Para Voegelin, nós não “existimos” em nenhum dos polos dessa tensão, mas, na realidade, entre eles. Seria um erro, adverte o autor, considerar tais polos objetivamente. Trata-se de sentidos ou índices, entre os quais nos movemos, existencialmente.

Assim, associando as expressões *drama de ser dois* e *in-between*, disse ele certa vez: aquele pequeno livro de poesias “[...] é realmente uma expressão do que eu sempre fui. Em inglês existe uma expressão: *in-betweeners*. Estou *in-between*. Nunca estou incluído em nada. As minhas metas são a única coisa em que estou incluído; não há pessoas que me incluam.” (Guerreiro Ramos, 1985, p. 4). Em outra passagem de seu último livro, diz: “a verdadeira existência, individual tanto quanto social, nunca é um fato – uma simples manifestação externa evidente por si mesma”, mas “alguma coisa intermediária – *in-between*”, quer dizer, “uma tensão entre o potencial e o real” (Guerreiro Ramos, 1981, p. 126-128).

Por fim, queremos dar destaque a um aspecto também interessante. Como dito, a expressão “drama de ser dois” procurava definir uma vivência singular, no caso a experienciada pelo jovem poeta Guerreiro

Ramos. No entanto, posteriormente apropriações dessa expressão fizeram com que o seu significado extrapolasse a particularidade daquela vida a que ela se referia, convertendo-se mesmo em uma espécie de categoria sociológica para definir a situação do mulato brasileiro. Darcy Ribeiro, por exemplo, fez uso da expressão para se referir à condição dramática a que estava exposto o mulato brasileiro, o qual, segundo o antropólogo, experimentava “dois mundos conflitantes”: por um lado, o mulato participava do mundo do negro, mas era por este rechaçado; de outro lado, ele também vivenciava o mundo do branco, que também o rejeitava. Assim, concluía o autor, era exatamente nessa condição dual de existir que o mulato humanizava-se, quer dizer, tornava-se humano “no *drama de ser dois*, que é o de ser ninguém.” (Ribeiro, 1995, p. 223, grifos nossos).

Costa Pinto, bem antes do antropólogo e ex-senador, ao abordar as elites negras no Brasil dos anos de 1950, deu destaque à mudança em seu comportamento e modalidade de ação social. Haveria, até aproximadamente a primeira metade do século XX, uma “antiga elite negra”, que teria no poeta catarinense Cruz e Souza o seu tipo paradigmático. Essa elite, procurando “esquecer” que era negra, assumia uma estratégia de inserção social que prezava e assimilava o padrão de gosto, estilo e forma do homem branco europeu, fato que levava seus membros a vivenciar aquele drama da dualidade. Na opinião de Costa Pinto, essa estratégia estaria, em seus dias, fadada ao fracasso, porque o negro, “quando já está quase convencido disso [de seu embranquecimento], uma querela insignificante, um bate-boca na rua, um fato qualquer [...] gera um comentário, um apelido, um riso, um olhar às vezes, que rasga de chofre a realidade diante dele, coloca-o de novo no seu lugar e ele sente, então, com extrema intensidade, o *drama de ser dois*”. No entanto, uma “nova elite negra” vinha se configurando na sociedade brasileira a partir dos anos de 1950., designada como as “novas elites negras”. Seus membros, porque procuravam ascender socialmente assumindo a “negritude”, não mais estariam expostos ao drama da dualidade – agora eram alguém (Costa Pinto, 1998, p. 241, grifos do autor). Nessa nova elite negra, Alberto Guerreiro Ramos ocupava lugar de destaque

## Notas

- <sup>1</sup> Ao Professor José Francisco Salm, com quem muito aprendemos sobre Guerreiro Ramos.
- <sup>2</sup> Precisamente no campo sociológico, o pioneirismo analítico se deve a Lúcia Lippi Oliveira com seu clássico livro *A sociologia do Guerreiro*.
- <sup>3</sup> Há textos bem esclarecedores e introdutórios sobre a filosofia de Nicolas Berdyaev, entre os quais: Vallon (1960), Seaver (1950), O'Sullivan (1998), McLachlan (1992), Davy (1967) e Clarke (1950).
- <sup>4</sup> Alguns desses poemas já haviam sido publicados anteriormente na revista *A Ordem*, como no caso de "O canto da rebeldia" e "Lamentações", que aparece na revista como "Lamentações de um místico".
- <sup>5</sup> Bar carioca onde se reuniam com frequência os integralistas nos anos de 1930.
- <sup>6</sup> Em seu significado literal, *Ungrund* quer dizer "não-fundamento". Berdyaev recuperou do pensamento do místico alemão Jacob Boehme essa noção, que quer significar uma espécie de abismo preexistencial, onde tudo se encontra em situação de pura potencialidade e liberdade. O *Ungrund* não é nada e a sua noção não é um conceito, mas um mito, ou melhor, um símbolo que expressa a verdade fundamental sobre uma existência que é incapaz de ser anunciada em um arranjo conceitual objetivo (Berdyaev, 1945, p. 54). Nele coexistem todas as oposições, antíteses e antinomias em um estado de irrealização e, ao mesmo tempo, de pura potencialidade, de tal modo que elas somente emergem do *Ungrund* uma com a outra, e suas identidades se relevam exclusivamente por intermédio de seu outro (Berdyaev, 1930). Por considerar que toda realidade e possibilidade estão contidas em uma unidade primeira, que é o *Ungrund*, não há, na metafísica berdyaeviana, uma distinção ontológica entre seres humanos e Deus, entre Ser e consciência, tal como se percebe nas metafísicas tradicionais. Na verdade, o *Ungrund* é anterior à pessoa de Deus, sendo para Ele um eterno mistério, pois que precede à própria consciência que Deus vem a adquirir de Si, o que não quer dizer que o não-fundamento seja o criador pessoal de Deus, mas somente o absoluto em si mesmo, o *locus* principiante da vida divina e do processo de autocriação e revelação do Ser e do Divino. Deus, portanto, origina-se do *Ungrund*, emerge como Pessoa, harmonizando em Si todas as bipolaridades. Tal como Deus, os seres humanos também se originam do *Groundlessness* (sinônimo de Berdyaev para *Ungrund*), mas estes não conseguem, de modo constante, aquela harmonização. É no *Ungrund* que Deus e os seres humanos "exercitam uma liberdade infinita." (Clarke, 1950, p. 88).

## Referências

ANTELO, Raul. Ensaio críticos, vanguarda e intelectualidade. Guerreiro Ramos, o não-contemporizador. Conferência de abertura. In: SEMINÁRIO “GUERREIRO RAMOS, INTÉRPRETE DO BRASIL”. Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER), Universidade Federal de Santa Catarina, 11 de setembro de 2015. **Anais ... UFSC**, Santa Catarina, 2015. p. 1-15.

ANTELO, Raúl. **Literatura em Revista**. São Paulo: Editora Ática, 1984.

BERDYAEV, Nicolas. **Studies concerning Jacob Boehme**. Etude I. The teaching about the Ungrund and Freedom. Tranlated from Russian by Fr. S. Janos, 1930. Disponível em: <[http://www.berdyaev.com/berdyaev/berd\\_lib/1930\\_349.html](http://www.berdyaev.com/berdyaev/berd_lib/1930_349.html)>. Acesso em: 16 out. 2002.

BERDYAEV, Nicolas. **Solitude and society**. Translated from Russian by George Reavey. London: Geoffrey Bles, 1938.

BERDYAEV, Nicolas. **O espírito de Dostoievski**. Tradução de Otto Scheider. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, 1944.

BERDYAEV, Nicolas. **The meaning of history**. Translated by George Reavy. London: Goeffrey Bles, 1945.

BERDYAEV, Nicolas. **De l'esclavage et de la liberté de l'homme**. Traduit du russe par S. Janklevitch. Paris: Aubier, 1946.

BERDYAEV, Nicolas. **The destiny of man**. Translated from the Russian by Natalie Duddington. New York: Harper Torchbook, 1960.

BERDYAEV, Nicolas. **Dream and reality**: an essay in autobiography. Translated from the Russian by Katharine Lampert. New York: Collier Books, 1962.

CARVALHO, Nicanor de. O drama de ser dois. **O Imparcial**, Salvador, 8 fev. 1938.

CLARKE, Oliver Fielding. **Introduction to Berdyaev**. London: Geofrey Bles, 1950. 192p.

COMPAGNON, Olivier. **Jacques Maritain et l'Amérique du Sud** – Le modèle malgré lui. Paris: Presses Universitaire du Septentrion, 2003. 400 p.

COSTA PINTO, Luis de Aguiar. **O negro no Rio de Janeiro**. Relações de raça numa sociedade em mudança. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DAVY, M. M. **Nicolas Berdyaev**: man of the eighth day. Translated from French by Leonora Siepman. London: Geoffrey Bles, 1967. 149 p.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Exílio. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 83, 1936a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Minha vida começou ontem.

**O Imparcial**, Salvador, dez. 1936b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O drama de ser dois**. Salvador, 1937a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Não. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XVII, v. XVII, p. 164-169, ago. 1937b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Sentido da poesia contemporânea.

**Cadernos da hora Presente**, Rio de Janeiro, p. 86-103, maio, 1939a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução à cultura** (ensaios).

Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Presença de Maritain. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 5 e 6, p. 145, maio/jun. 1946.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Alberto Guerreiro Ramos** (depoimento, 1981). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral. 1985. 64 p. dat.

LEITE, Júlio César do Prado. Debate à exposição de Ubiratan Simões Rezende. **Revista de Administração Pública**, Simpósio Guerreiro Ramos: resgatando uma obra, Rio de Janeiro: FGV, v. 17, n. 2, p. 111-114, abr.-jun. 1983.

MATTA, João Eurico. Debate à exposição de Ubiratan Simões Rezende.

**Revista de Administração Pública**. Simpósio Guerreiro Ramos: resgatando uma obra. Rio de Janeiro: FGV, v. 17, n. 2, p. 106-110, abr.-jun. 1983.

McLACHLAN, James Morse. **The desire to be God**: freedom and the other in Sartre and Berdyaev. New York: Peter Lang Publishing, 1992. 215 p.

MOURÃO, Gerardo Mello. **A invenção do saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 160-162.

MOURÃO, Gerardo Mello. **Entrevista pessoal**. Gravada em 9 de julho de 2004.

O'SULLIVAN, Noël. The tragic vision in the political philosophy of Nikolai Berdyaev (1874-1948). **History of Political Thought**, [S.l.], v. XIX, n. 1, p. 79-99, spring 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

PIZZA Jr., Wilson. **Entrevista pessoal**. Gravada em 8 de julho de 2004.

RIBEIRO, Darcí. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. Tradução de Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Editora Globo, 2001.

SEEVER, George. **Nicolas Berdyaev: an introduction to his thought**. London: James Clarke, 1950. 122p.

SILVEIRA, Tasso da. **Os poetas procuram Deus**. [s.n.]: [S./], 1938.

VALLON, Michel Alexander. **An Apostle of Freedom: life and Teachings of Nicholas Berdyaev**. New York: Philosophical Library, 1960.

Recebido em 18/04/2016

Aceito em 19/04/2016